

CAPÍTULO 15

OS CRITÉRIOS DE VERDADE NA NOVA GEOGRAFIA: A INFLUÊNCIA DO CÍRCULO DE VIENA NA ABORDAGEM GEOGRÁFICA

The Truth Criteria in the New Geography: the influence of the Vienna Circle on the geographical approach.

FERNANDES¹, Arthur Macedo; GOMES², Rodrigo Dutra.

arthurmacedo3101@gmail.com; rdutragomes@gmail.com Arthur Macedo Fernandes e Rodrigo Dutra Gomes; Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

Resumo

Os critérios de verdade aplicados na Geografia variam ao longo da história e conforme a abordagem que se utiliza. No final do XIX no período de organização dos diversos conhecimentos e início do século XX a Geografia Clássica pautou seus critérios de verdade no positivismo. Pós Segunda Guerra a Geografia muda sua postura metodológica com a Nova Geografia e referencia-se no Neopositivismo – releitura positivista chamada de positivismo lógico. Com o a influência do Círculo de Viena a geografia adquiriu critérios de verdades baseados no empirismo, verificacionismo e reducionismo. Sendo assim, este trabalho busca contribuir para o debate epistemológico no que diz respeito sobre os critérios de verdade da Nova Geografia e sua crítica. O positivismo lógico trazido por autores vienenses foi marcado por evitar o pensamento metafísico, afirmar o raciocínio lógico e uma dedicação a ciência experimental pelo método empírico-indutivo. Assim sendo, a Nova Geografia nasce calcada em tais critérios filosóficos/científicos para assim unificar seu método de pesquisa, buscando o afastamento da subjetividade, utilizando a matemática, a estatística e modelos conceituais e lógicos para tornar a pesquisa mais objetiva. Entretanto, mais a frente é criticada por autores embasados no materialismo histórico e na fenomenologia.

Palavras-chave: Neopositivismo; Verdade; Geografia.

Abstract

The truth criteria applied in geography vary throughout history and according to the approach used. In the late XIX century, in the period of organization of diverse knowledge, and early XX century, the classical geography based its criteria of truth on positivism. Post World War II Geography changes its methodological approach with the New Geography and link to Neopositivism - positivist review called logical positivism. With the influence of the Vienna Circle, geography acquired criteria of truth based on empiricism, verificationism, and reductionism. Thus, this paper seeks to contribute to the epistemological debate regarding the truth criteria of the New Geography and its critique. The logical positivism brought from the Viennese authors were marked by avoiding metaphysical thinking, affirming logical reasoning and a dedication to experimental science by the empirical-inductive method. Thus, the New Geography is born based on such philosophical / scientific criteria to unify its research method, seeking to move away from subjectivity, using mathematics, statistics and conceptual and logical models to make research more objective. However, later authors based on historical materialism and phenomenology criticize it.

Keywords: Newpositivism; Truth; Geography.

INTRODUÇÃO

Os critérios de verdade aplicados na Geografia variam ao longo da história e conforme a abordagem que se utiliza. No final do século XIX no período de organização dos diversos conhecimentos e início do século XX a Geografia Clássica pautou seus critérios de verdade no positivismo. As discussões no âmbito da Geografia Clássica sobre sua especificidade metodológica, unidade, sobre a síntese regional trouxeram muitas dúvidas e debates para a Geografia na primeira metade do século XX. Não só conceitos, mas métodos e metodologias foram debatidos na esfera geográfica colocando em dúvida a rigurosidade dos critérios adotados para se firmar como uma ciência moderna. Isto é, a ciência geográfica passava por um “mal-estar” (CLAVAL,2014). Pós-Segunda Guerra a geografia neopositivista, a Nova Geografia, teve como pretensão oferecer tais critérios de verdade “legítimos” de uma ciência moderna, firmando um novo objeto de estudo mais adequado para explicar todas as mudanças na sociedade e conhecimento provenientes do início do século XX.

O trabalho tem como objetivo discutir os critérios utilizados para o alcance da verdade pela Nova Geografia. Tais critérios foram advindos da corrente filosófica conhecida por positivismo lógico (ou até mesmo neopositivismo) criado na organização do Círculo de Viena. O neopositivismo foi criado por físicos, filósofos, matemáticos, cientistas interessados na criação de uma ciência unificada, com um método universal, utilizando principalmente a linguagem lógico-matemática, com comprovações empíricas e objetivas. Dentre os princípios utilizados para afirmar a verdade estavam os: empirismo, verificacionismo e reducionismo. O empirismo dava destaque à experimentação e testes de modelos matemáticos e empíricos, o verificacionismo busca verificar se as discussões teóricas encontravam correspondência com a verificação empírica, e o reducionismo busca reduzir o conhecimento de um fenômeno complexo a partir de outro mais simples e melhor conhecido. Como a Geografia Neopositivista refletiu e praticou estes princípios? Como estes princípios foram criticados à luz de outras abordagens?

Para se questionar a situação atual da abordagem neopositivista na disciplina, que é diferente da década de 50 do século XX, convém compreender como esses critérios se encontram presentes na prática da Geografia de base neopositivista. Ou seja, como se constituía a ciência geográfica no período a partir do seu vínculo com o neopositivismo, com método universal e rigoroso, qual foi o papel da Teoria Geral dos Sistemas para geografia. Por fim, levantamos breves reflexões sobre os debates epistemológicos críticos

ao neopositivismo, principalmente dos anos de 1970 – com o marxismo e o humanismo- e que deu início a Geografia Crítica.

METODOLOGIA

A priori, foi levantado o referencial teórico utilizado para a construção do trabalho, dialogando com os autores, os principais são GOMES (2010), RUSSELL (2015), HAN, NERATH e CARNAP (1986), para construir a ideia e explicar os critérios utilizados na fundamentação teórica-prática da Nova Geografia. O método utilizado foi o materialismo-histórico-dialético para a contextualização e a dialogicidade com a geografia, a filosofia e com a ciência. Isto é, o trabalho perpassa o contexto social, econômico e político, mas tendo como foco a filosofia científica expressada na Geografia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O movimento filosófico e científico austríaco de muita repercussão, principalmente nos países ingleses (Estados Unidos e Inglaterra), mas que formulou critérios ortodoxos na ciência moderna, chamado de neopositivismo. Esse movimento ficou conhecido como Círculo de Viena, que se também conhecido por positivismo lógico (ou empirismo lógico). O círculo de Viena foi, antes de tudo, um grupo de estudos científicos/filosóficos na Áustria, com a participação de Moritz Schlick, Rudolf Carnap, Otto Neurath, matemáticos, físicos, filósofos. Pela pluralidade de estudiosos, as doutrinas e teses não eram totalmente homogêneas, mas se baseiam em dois fundamentos: a) os princípios da lógica, que contribui para o afastamento do objeto do pesquisador para que haja neutralidade na ciência; e b) as hipóteses científicas passem por uma verificação empírica.

No texto chamado “A concepção científica do mundo – o Círculo de Viena” escrito por Hans Han, Otto Neurath e Rudolf Carnap (1986), desenvolve-se sobre a tentativa de criar uma ciência unificada. No artigo afirma:

Caracterizamos a concepção científica do mundo essencialmente mediante duas determinações. Em primeiro lugar, **ela é empirista e positivista**: há apenas conhecimento empírico, baseado no imediatamente dado. Com isso se delimita o conteúdo da ciência legítima. Em segundo lugar, a concepção científica do mundo se caracteriza pela aplicação de um **método determinado, o da análise lógica**. O esforço do trabalho científico tem por objetivo alcançar a **ciência unificada**, mediante a aplicação de tal análise lógica ao material empírico. (*Grifo nosso*, CARNAP, 1986. pg.12)

Para a ocorrência de uma ciência una, é necessário criar critérios, métodos,

idiossincrasias científicas. Entre os quais encontram-se o verificacionismo e reducionismo. Além disso, o conteúdo produzido era a partir do empirismo e antimetafísico, ou melhor, “a soma total do nosso conhecimento é propiciada pela ciência (...) e não há nada que possamos conhecer além da experiência” (Ibidem)

O empirismo se mostra como o único meio de, cientificamente, conhecer o fenômeno, o objeto, a causa que desencadeou o efeito que é o fenômeno. O verificacionismo, neste movimento refere-se à verificação empírica como forma de garantir um conhecimento seguro e significativo das teorias. A ciência que não utilizasse estes princípios não era considerada ciência. Bertrand Russel, diz:

A insistência na observação empírica vem acompanhada de um critério de significado um tanto vinculado ao pragmatismo rotineiro do cientista de laboratório. Trata-se do famoso princípio de verificabilidade, ou verificacionismo, segundo o qual o significado de uma proposição é seu método de verificação. (RUSSEL, 2014. Pg.399)

O reducionismo, por sua vez, defende que o pesquisador deve reduzir os enunciados mais complexos e de difícil entendimento a outro enunciado e dado mais simples, até que tenha reduzido ao enunciado complexo ao mínimo, facilitando o estabelecimento de correlações com os outros fenômenos, isto é, é uma prodigalidade de enunciados e conceitos, com base em dados empíricos, busca alcançar um conhecimento seguro utilizando-se do raciocínio lógico como ferramenta.

A influência do neopositivismo expandiu-se em diversas áreas do conhecimento, entre elas a Geografia, que adotou os critérios de verdades, trazidas do Círculo de Viena. Aqui, cabe contextualizar que, posteriormente a Segunda Guerra Mundial, muitos intelectuais (geógrafos também) saíram da Europa e foram para países como os Estados Unidos (que não foi devastado pela Guerra), o que levou a uma simbiose do empirismo-pragmático estadunidense com o positivismo lógico. Tal fato direcionou ao que se chamou de Nova Geografia ou Geografia Teorética-Quantitativa.

Os desafios advindos da Geografia Tradicional, pelo método indutivo e a forte descrição dos fenômenos, já não eram aplicáveis para o entendimento de processos geográficos do período que exigia abordagens mais direcionadas para os problemas funcionais que as rápidas expansões industriais e urbanas requeriam. A crise não era só no campo epistemológico, mas também no contexto histórico e social em que o mundo estava. Lamego (2007), discorre sobre as crises, principalmente dentro das ciências sociais, dizendo:

A crise mundial que se seguiu, em suas múltiplas dimensões e múltiplas causas, é marcada pela débâcle dos paradigmas científicos reinantes até então e conduziu às ciências sociais a uma reação que recoloca na ordem do dia as necessidades e usos da ciência. Seria natural que ante à fragilidade demonstrada pela ciência clássica, erigisse uma nova possibilidade teórico-metodológica que, em seu cerne, sustentasse uma contrariedade latente ao paradigma anterior. (LAMEGO. 2007. pg.33)

A contrariedade latente ao paradigma vigente fora o neopositivismo, e na Nova Geografia, a qual estava calcada, excepcionalmente, na matemática e estatística. “Tentava-se substituir a formulação tradicional, indutiva da Geografia por formulações gerais, dedutivas” (ANDRADE, 1987). Apesar do Círculo de Viena pregar um forte empirismo, houve um abandono do trabalho de campo (no ensino) no meio dos geógrafos, na justificativa de acharem desnecessário, onde os modelos matemáticos e estatísticos eram suficientes para a explanação científica da realidade. Vale a pena refletir em relação aos motivos do abandono do empirismo das excursões, primeiro em relação ao objetivismo realçado dentro da “Revolução Quantitativa”, que, em nome do objetivismo, afastava o pesquisador do objeto empírico à favor dos modelos lógicos e matemáticos e técnicas estatísticas. Outra teoria de grande fortalecimento nas pesquisas foi a Teoria Geral dos Sistemas de Bertalanffy, de origem positivista e organicista. A integração à geografia, de fato, foi uma nova orientação científica, a qual unificou as ciências na sustentação de uma concepção una do mundo. O reducionismo científico entra na geografia no âmbito dos modelos, que “são considerados uma representação simplificada e seletiva da realidade” (GOMES, 2008). Sobre o critério reducionista, Gomes (2008) comenta que a geografia:

(...) reconhece-se na nova perspectiva depois de 50 como *organizações espaciais* da superfície da terra em sua multiplicidade de fatores, forças, elementos e relações. Sobre esta abordagem as organizações se tornam ‘possíveis’ e não somente localizáveis. Com a teoria dos sistemas guiando a reflexão das hipóteses e formulação de modelos proporcionou-se o entendimento das estruturas, funcionalidades e organizações dos *processos* espaciais (*grifo do autor*. Pg. 111)

No século XX, na década de 70 principalmente, houve uma reação a abordagem geográfica vigente, criticando em excesso para quem e para o que a geografia servia. Apesar de ter rompido com as questões teórico-metodológicas da Geografia Clássica, a Nova Geografia produziu trabalhos que “seriam de utilidade ao desenvolvimento do planejamento capitalista”(ANDRADE,1992).

Andrade (1992) comenta em relação a origem dentro da própria corrente geográfica e que por fim se dá uma contra racionalidade:

O marxismo geográfico no Estados Unidos foi o resultado da reflexão de alguns geógrafos quantitativistas que compreenderam o esvaziamento de suas técnicas e

o comprometimento que tinham para com a sociedade capitalista em expansão (ANDRADE. 1992.)

Após a década de 70, a geografia fora muito marcada pela presença, estritamente, pelo marxismo e o humanismo. O contexto, tanto paradigmático quanto social-político-econômico, mostra-se mais uma vez presente. As décadas de 50-70 foram marcadas pela bipolaridade, entre o desenvolvimento capitalista (nos Estados Unidos) e a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Grandes revoluções socialistas ocorreram na China e em Cuba. Também na América Latina houveram, por parte do alinhamento dos militares ao EUA, ditaduras em diversos países (Brasil, Uruguai, Chile). Nos países ao norte ocorriam diversos movimentos sociais de grande importância e influência (GOMES, 2010). No âmbito científico-paradigmático, a Geografia Crítica nasce da própria Nova Geografia, e do contexto histórico, questionando e criticando a ideologia presente para o desenvolvimento do capitalismo. Inicia-se, a partir de uma sócio-construção, um novo paradigma na geografia com abordagens baseadas na dialética, hermenêutica, fenomenologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças teóricas e metodológicas na Nova Geografia vieram do movimento austríaco conhecido como Círculo de Viena, responsável por aprimorar o positivismo, nascendo assim o Neopositivismo. A construção de uma ciência unificada era de grande valor para os critérios estabelecidos, tais critérios possuem rigorosidade empírica. O objetivismo, o verificacionismo, o reducionismo e o uso da lógica-matemática eram critérios utilizados para o método (uno) da ciência. A geografia, carregada da descrição e do método indutivo, passara por uma crise advinda do contexto científico e histórico. A também chamada Geografia Teorética-Quantitativa entra em vigor com formulações de modelos estatísticos e matemáticos para uma maior objetividade. Com a teoria dos sistemas a geografia é impulsionada a estudar as organizações espaciais, analisando seus diversos fatores e processos. Porém, com a diversidade de movimentos sociais nas décadas de 60-70, acontece a sócio-construção da Geografia Crítica, trazendo com si novas abordagens no campo geográfico.

REFERÊNCIAS

RUSSEL, Bertrand. **História do Pensamento Ocidental**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira Participações. 2015.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora UFSC. 2014.

GOMES, Rodrigo Dutra. **Geografia e Complexidade: das diferenciações de áreas à nova cognição do sistema terra-mundo**. Tese (Doutorado). Universidade de Campinas. 2010

_____. **Geografia e Evolução paradigmática: Esclarecimentos para o diálogo entre os conhecimentos**. Tese. Universidade de Campinas. 2008

HAN, Hans, NEURATH, Otto e CARNAP, Rudolf. **A Concepção Científica do Mundo – O Círculo de Viena**. Cadernos de História e Filosofia da Ciência. v. 10. Pg. 5-20. 1986.

LAMEGO, Mariana. **Positivismo Lógico e Geografia. Uma Interpretação da Relação entre o Círculo de Viena e a Geografia Quantitativa**. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2006

ANDRADE, Manuel Correia. **Geografia Ciência da Sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas S.A. 1992.